

I have shoes for you

Cidinha da Silva

Ela surgiu de surpresa, como eles costumam vir ao meu mundo. Estacou a meio metro, de cabeça baixa, fechada em roupas pretas, de modo que primeiro só vi aquela cabeleira alisada. Depois, considerei que pudesse ser peruca. Os ombros arqueados, os braços finos e as mãos que, quando estendidas, notei serem pequenas e enluvadas, escondidas no casaco, um pouco mais old fashion que o meu.

A mulher levantou a cabeça devagar. Cruzei com seus olhos em brasa. Fitei os dentes, eram bem separados entre si. A arcada superior, principalmente, pelo menos meio centímetro entre um dente e outro, reparei quando ela perguntou com voz muito doce se eu tinha algum trocado. Sorri para ela. Entreguei as moedas.

Quando olhou para meus pés, depois de agradecer, disse:

– Eu tenho sapatos para você.

Eu não tinha certeza de ter ouvido a frase e perguntei:

– O quê?

– Eu tenho sapatos para você.

Ela repetiu com a voz doce que eu já contei que ela tinha. Mensagem entendida, agradei e assegurei que estava bem com meus sapatos, não precisava de outros, não. Ela riu com aqueles olhos vermelhos. Seguiu seu caminho e eu percebi um andar torto, sapatos grossos e pés que pareciam carregar o dobro de seus setenta quilos.

Eu ali, parada na esquina da Martin Luther King Jr. com 29th, à espera da amiga dominicana que nunca chegava na hora, maldizen-

do o atraso porque, naquele momento, o frio cortava e a mulher me ofereceu sapatos porque achou que eu passasse frio. E ainda aquele casaco de tantos invernos, eficiente, mas velho. Ali, no Harlem de classe média, ela julgou que eu era da rua, do Harlem profundo, como ela.

Isso tudo só pensei depois. No momento em que a mulher saiu andando, escrutinei meus pés, arrepiei quando ergui a cabeça em sua direção e não a vi mais. Observei os lugares à volta a ver se descobria alguma porta, algum buraco onde ela pudesse ter se metido. Avistei um segurança particular de quarteirão fumando e acertando a touca na cabeça. Quis perguntar a ele pelo paradeiro da mulher, tentada a receber os sapatos.

Mais uns minutos e chegaram duas senhoras. Apertaram o número do apartamento para onde me dirigia. Cumprimentei-as, puxei conversa, contei da amiga atrasada. Avisei que as acompanharia na entrada.

Como o gênio da lâmpada, a mulher apareceu de novo. Ufa! Ela existia. Era de carne e osso. Pediu dinheiro às colegas e elas mal olharam na cara dela para dizer que não tinham. A voz amável era um canto atraente e afinado, e a vontade de segui-la foi quase incontrolável. Dessa vez ela não falou comigo, seguiu caminho oposto ao anterior.

Fixei os olhos nas costas dela, como se assim pudesse segui-la até a casa, até os sapatos. Até que ela se virou, sorriu, tirou uma mão do bolso do casaco e gesticulou em minha direção.

Recolhi meu pescoço curioso. Uma lembrança me alcançou, a da filha de Iansã que ganhou batalha na justiça contra homens poderosos, mas teve a cabeça virada do avesso pela represália de feiticeiros acionados pelos indiciados. Certa vez, essa mulher fazia a travessia de Ilha de Itaparica para o continente. Embriagada pela

fumaça do feitiço, uma voz maviosa a chamou para se lançar ao mar. Venha, estou te esperando. Venha ficar comigo. Venha para sua casa. Para se salvar, ela gritou que a amarrassem no barco, senão a sereia a levaria. Do mesmo modo, a voz delicada da mulher dos sapatos tentava me seduzir.

– Você não vai entrar? Uma das mulheres me chamou enquanto segurava a porta.

– Sim, vou.

Por que diabos aquela sem-teto queria me dar sapatos? Era a pergunta que me corroía. Ela me achou com potencial de compradora, isso sim. Queria vendê-los. Ou não, pois, se tudo é dádiva na negociação com Exu, eu dei primeiro.

Fazia frio aqueles dias, estava uns 14, 15 graus, nada que exigisse aquelas botas potentes depositadas na entrada da casa. Mas frio é questão de estilo e ostentação para quem pode escolher o que vestir e calçar. Um inverno duro em Londres já havia me ensinado essa lição.

Enquanto observava o interior do apartamento, bem dividido, pé direito alto, materiais finos no acabamento, contrastando com a simplicidade do prédio pelo lado de fora, ocorreu-me a terceira hipótese para a investida da doadora de sapatos. Considerando meus dreads, um casaco fora de moda, sapatos de outono usados no inverno em diálogo com o Harlem roots de onde ela vinha, talvez os sapatos fossem um código ou senha para uso ou tráfico de coisas que poderiam me interessar.

Não. Ainda não era a resposta.

Exu matou um pássaro ontem com a pedra que jogou hoje!

Exu matou um pássaro ontem com a pedra que jogou hoje!

Exu matou um pássaro ontem com a pedra que jogou hoje!

Ao preparar a comida do homem, quando minha mão tocou o dendê, encontrei a resposta, a chave. Recebi os sapatos-presente para firmar o pé na estrada e fazer o caminho.